



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

OS COSTUMES E AS TRADIÇÕES DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS
CAVALCANTE GO

EUROTILDES DOS SANTOS ROSA

PLANALTINA - DF

2014

EUROTILDES DOS SANTOS ROSA

OS COSTUMES E AS TRADIÇÕES DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS
CAVALCANTE - GO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo, com Habilitação na Área de Linguagens.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosineide Magalhães de Sousa

PLANALTINA- DF
2014

EUROTILDES DOS SANTOS ROSA
OS COSTUMES E AS TRADIÇÕES DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS
CAVALCANTE - GO

Aprovada em -----de-----de 2014

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa – UnB (Orientadora)

Profª. Mestranda Ana Cristina Araujo – UnB (Examinadora)

Profª. MSc. Catarina Santos Machado – UnB (Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado saúde coragem e disposição para me libertar de uma forte depressão que veio me atacar, e através da missão do Senhor consegui recupera e vencer meus obstáculos que é este curso com o qual sempre sonhei.

Dedico também a meu esposo, Jaci Moreira Dias, que mesmo sendo não alfabetizado ajuda e dá apoio em todos os momentos que necessito e, antes ele não queria deixar eu frequentar o curso devido meu problema de saúde, mas hoje ele já me dá apoio para continuar .

A meus queridos filhos (as) Irene Moreira Dias, Iron, Iranildes, Iraildes e Ivan todos com o mesmo sobrenome; por ter me ajudado em meus trabalhos do dia-a-dia, e em sala de aula me substituindo enquanto estava no tempo Universidade, e também com os trabalhos de estágio.

Dedico aos meus irmãos e às minhas irmãs que direto ou indiretamente procuraram contribuir em alguns momentos comigo. À minha irmã que da qual muitas vezes recebia comida pronta, a fim de ajudar .

A comunidade “Vão de Almas”, pelos moradores que contribuíram com as entrevistas e pesquisas ao decorrer do curso, quando precisava aprimorar meus conhecimentos importantíssimo no meu processo educativo.

Aos professores da Ledoc: Jair Reck, João Batista, Rafael, Pasquetti, Djiby, Ana Aparecida, Roberta, Eliete, ou seja, todos; e para finalizar a professora Rosineide.

AGRADECIMENTOS

Agradeço carinhosamente a Deus, por ter me dado coragem e força para mais esta experiência em minha vida pessoal e na carreira profissional.

A todos os Santos da Comunidade, Santos Reis, Santa das Candeias, São José, Santo Antônio, São João, São Sebastião, São Gonçalo, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora da Abadia, São Bom Jesus, Senhora do Livramento, Nossa Senhora Aparecida, Senhor de Todos os Santos (Torlusanto), Nossa Senhora da Conceição e; por fim, não deixo de dizer que Nossa Senhora das Neves que é a Padroeira (paduera) da Comunidade Vão de Almas.

A meus pais que estão no céu desde 1992, mas nem por isso deixo de agradecê-los, pois foram as pessoas mais importantes de minha vida.

A minha família, esposo e filhos, pelo apoio, a fim de ajudar-me; vencer está jornada.

A meu sogro que está com Deus e a minha sogra que continua batalhando e orando para eu ser feliz durante a caminhada.

Aos meus padrinhos que conheço e considero como pai, por preocupar por minha ausência enquanto estou no tempo Universidade.

Agradeço também às pessoas da Comunidade que contribuíram com entrevista para meus trabalhos.

A minha grande família, irmão, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, tias, primos, primas e a outras pessoas que contribuíram comigo durante esta etapa de minha vida.

Aos professores presentes e ausentes, da Licenciatura em Educação do Campo, que juntos uniram para melhorar a educação na sociedade brasileira.

Aos colegas da turma “Panteras Negras” que durante nossa jornada lutamos pelos mesmos direito.

RESUMO

Este trabalho registrou os Costumes e tradições da Comunidade Vão de Alma Cavalcante-GO, com o intuito de deixar registros dos relatos de pessoas mais velhas, onde mostram a nossa cultura e os costumes dos últimos cinquenta anos. Ele se justifica pela necessidade de reconstruir nossa cultura que está sendo extinta, pois os mais velhos estão morrendo e não deixaram registros escritos e os mais novos vêm perdendo o interesse pelas tradições. A metodologia de pesquisa foi a bibliográfica e qualitativa na perspectiva etnográfica, onde tivemos uma conversa informal com os entrevistados. No que diz respeito às bases teóricas, recorreremos a autores como Catto (2013), Mollica (2004), (BAGNO, 2001 e 2007), Santos (2005) entre outros. Como resultados temos o registro de memórias de sete pessoas da Comunidade, onde compartilham seus conhecimentos sobre esta localidade.

Palavras - chave: Costumes. Memória. Letramento multimodal. Vão de Almas.

ABSTRACT

This study recorded the customs and traditions of the Community Go Alma Cavalcante-GO, in order to leave records of reports of older people, which show our culture and customs of the past fifty years. It is justified by the need to rebuild our culture being dismissed as the elders are dying and left no written records and younger are losing interest in the traditions. The research methodology was qualitative in the literature and ethnographic perspective, where we had an informal chat with the interviewees. With regard to the theoretical bases, we turn to authors like Catto (2013), Mollica (2004), (BAGNO, 2001 and 2007), Santos (2005) among others. As a result we have the record memories of seven of the Community, where they share their knowledge of this location.

Keywords: Mores. Memory. Multimodal literacy. Vão de Almas.

LISTA DE ABREVIATURAS

CKVA- Comunidade Kalunga Vão de Almas.

CNE- Conselho Nacional da Educação.

DOEBEC- Direitos Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.

EBC- Educação Básica do Campo.

ENPEC- Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo.

GO - Goiás

GPT- Grupo Permanente de Trabalho.

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

IOC- Inserção Orientada na Comunidade.

IOE- Inserção Orientada na Escola.

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

LE – Legislação Educacional.

LEdoC- Licenciatura em educação do Campo.

MDA- Ministério do Desenvolvimento Agrário.

MEC- Ministério da Educação e Cultura.

PNRA- Plano Nacional de Reforma Agrária.

PROCAMPO- Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo.

PRONERA- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

SECADI- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão.

T TC- Trabalho Tempo Comunidade.

T TE- Trabalho Tempo Escola.

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso.

GO- Goiás

SUMÁRIO

INTRUDUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
1.METODOLOGIA	12
1.1. PESQUISA QUALITATIVA PERSPECTIVAETNOGRÁFICA.....	12
1.2. CONTEXTO DAPESQUISA.....	13
1.3. PESSOAS PESQUISADAS.....	14
1.4. OBJETIVOS	
1.4.1. Geral.....	15
1.4.2. Específico.....	15
1.5. PERGUNTA DE PESQUISA.....	15
CAPÍTULO II	16
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	16
2.1. CONCEITO DO LETRAMENTO MULTIMODAL.....	16
2.2. GÊNERO RELATO, MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE.....	19
CAPÍTULO III	24
3. HISTÓRIA KALUNGA	24
3.1. CONTOS E TRADIÇÕES DO TERRITÓRIO KALUNGA.....	24
CAPÍTULO IV	30
4. EDUCAÇÃO DO CAMPO	30
CAPÍTULO V	34
5. REVELANDO AS MEMÓRIAS KALUNGA VÃO DE ALMAS	34
5.1. MEMÓRIAS DO SENHOR JOSÉ SANTANA.....	34
5.2. MEMÓRIA DA SENHORA JETÚLIA DA CUNHA.....	35
5.3. MEMÓRIA DA SENHORA BERTULINA DA COSTA SERAFIM.....	36
5.4. MEMÓRIA DO SENHOR JOÃO ROSÁRIO.....	37
5.5. MEMÓRIA DA SENHORA NATALINA DOS SANTOS ROSA.....	38
5.6. MEMÓRIA DO SENHOR FAUSTINO DOS SANTOS ROSA	41
5.2. ANÁLISE DE DADOS.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: Registrar os Costumes e tradições da Comunidade Vão de Alma Cavalcante-GO. Para isso, faremos o registro de relatos de pessoas idosas, buscaremos também reviver as memórias do festejo de Nossa Senhora da Abadia que ocorre na Comunidade Kalunga do Vão de Almas, todo ano no mês de agosto.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade de reconstruir nossa cultura que está sendo extinta, pois os mais velhos estão morrendo e não deixaram registros escritos e os mais novos vêm perdendo o interesse pelas tradições. Tal situação vem nos causando angustias, pois nossa história religiosa está se acabando, ou mesmo se afugentando de sua essência. Devido a interferências das modernidades atuais.

Desse modo, este trabalho busca deixar registros dos relatos de pessoas mais velhas, em que elas mostram a nossa cultura e os costumes como era há cinquenta anos. Tais memórias estão registradas em filmes e também escritas neste trabalho. Pretendemos trabalhar e conscientizar os jovens da localidade, sobre a importância dos costumes tradicionais e culturais das pessoas mais idosas, que ainda preservam a memória da comunidade. Pois, não podemos deixar que nossa cultura desapareça, pelo contrário precisa ser preservada e praticada, assim nossa identidade fortalecida e respeitada.

Este projeto surgiu de um trabalho realizado na Universidade de Brasília coordenado pela falecida professora Nancy Alécio Magalhães, que registrou a importância dos costumes e culturas de nosso povo, pois os conhecimentos de nossos descendentes ajudam-nos a fortalecer nossa identidade. Também que estes registros não fiquem apenas no papel, mas sim, sejam praticados pelos mais jovens. Este trabalho partiu do seguinte questionamento: Será que os saberes tradicionais são os mesmos de antigamente? E Qual importância do registro de memória das pessoas mais idosas?

Para melhor entender isso, realizamos entrevistas e conversas informais com as pessoas da comunidade, também promovemos uma discussão teórica para melhor compreender a sociolinguística, pois a partir dela, debatemos o preconceito linguístico, língua, gênero textual o relato e a importância da memória na construção dos relatos.

Este trabalho tem por objetivo geral registrar a memória da tradição e costumes da cultura religiosa dos idosos referentes às práticas orais da Comunidade Kalunga (Vão de Almas) a fim de preservar a tradição, usos e costumes identitários deste povo. E como específicos:

- 1) Registrar memória e conhecimentos culturais para não deixar morrer todas as culturas e costumes tradicionais;
- 2) Identificar experiências de moradores (as) e demonstrar a importância vivida;
- 3) Identificar a importância do registro de relatos dos costumes e memória que possa ser trabalhado nas escolas deste Município.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, o primeiro é a metodologia que traz a técnica de Pesquisa (qualitativa perspectiva etnográfica), contexto de pesquisa, pessoas pesquisadas, objetivos e pergunta de pesquisa. No capítulo 2, temos os fundamentos teóricos que traz o conceito do Letramento Multimodal e Gêneros textuais, Memória Social e Identidade. No capítulo 3, apresentamos um pouco da história Kalunga, onde mostramos um pouco de contos e tradições. O capítulo 4 fala da Educação do Campo e o último capítulo encontra-se a transcrição e análise dos dados. O referencial teórico dialogou com estudiosos como: Catto (2013), Santos (2005), Mollica (2004), (BAGNO, 2001, p.11) entre outros.

CAPITULO I

1. METODOLOGIA

1.1. PESQUISA QUALITATIVA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Neste trabalho utilizaremos a pesquisa bibliográfica, qualitativa na perspectiva etnográfica. Para a primeira faremos pesquisas em livros, monografias e artigos científicos, a segunda será realizada através do conhecimento dos relatos de pessoas mais idosas da Comunidade Vão de Almas, na tentativa de deixar registradas memórias para as gerações futuras. A última completará a segunda, pois segundo Aguiar (2014), a pesquisa etnográfica visa estudar e descrever povos, língua, religião e manifestações materiais de suas atividades. Este tipo de pesquisa caracteriza-se pela observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos, tal observação é participante, pois o pesquisador sempre tem um grau de interação com a situação estudada. Aguiar mostra ainda que este tipo de pesquisa envolve um trabalho de campo. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado, são observados em sua manifestação natural. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. Para MATTOS (2006, p.55 apud AGUIAR (2014 p. 24),

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais.

Segundo Frederico Erickson (1984), etnografia significa que devemos entrevistar pessoas e descrever sobre elas e podemos considerar como saber científico. Ela é um processo deliberado e investigado pelo ponto de vista pesquisado pelo entrevistado, em um trabalho de campo questionado pelo pesquisador, ao investigar situações e levantar questões sobre o contexto do campo. Para este autor, os objetivos centrais da descrição etnográfica na pesquisa sociolinguística analisam aspectos específicos nas práticas da fala, de

maneira que estas práticas estão situadas na sociedade em que elas ocorrem. Na pesquisa etnográfica, a coleta e a análise de dados podem ser discutidas, bem como os processos de criação de registros de dados.

Portanto, o presente trabalho pretende demonstrar através das técnicas de pesquisa utilizadas a realidade da comunidade pesquisada e também mostrar a importância de preservar bons costumes que ficaram como herança dos nossos antepassados. As histórias são realmente contestadas e questionadas, por isso ocorre, sobretudo, na luta política pelo reconhecimento das identidades. Os questionamentos são importantes, servem para melhor colher, pesquisar e fazer análise do entrevistado e entrar no questionamento de que devemos respeitar o ponto de vista de cada entrevistado. Assim, podemos analisar e compreender várias histórias e costumes tradicionais dos moradores da comunidade.

As fotografias são usadas através de processo para fixar a imagem de pessoas que não admitem ser filmadas. O caderno de campo é para anotar as falas dos entrevistados que não aceitam a filmagem. Nele, poderá encontrar anotações das atividades que foram desenvolvidas. Com base nas entrevistas, podemos ouvir diferentes histórias visando a cultura local da comunidade em filme e em transcrição. O objetivo da pesquisa qualitativa é entender determinada situação social, no qual o pesquisador compreende melhor ao entender o mundo.

1.2. CONTEXTO DA PESQUISA

É no Município de Cavalcante, em Goiás, onde se situa Vão de Almas, local da romaria de Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora das Neves e o Divino Espírito Santo que se tratam, neste caso, saberes, tradições, conhecimentos e resistências norteadas no cotidiano de homens e mulheres, moradores do Território Remanescente Quilombola Kalunga, reconhecido pelo Governo do Estado de Goiás em 1991, como Sítio Histórico; pela Fundação Palmares, do Ministério da Cultura.

A região onde celebra esta romaria é cortada pelo rio Paranã, do qual é tributário o rio Almas que corta a sede de Cavalcante, e que toma o nome rio Branco no Vão de Almas e no espaço sagrado onde realiza anualmente este festejo. Ela é uma Comunidade de Remanescentes de Quilombos que ainda existe e resiste ao tempo. Ela surgiu há mais de trezentos anos, em função de negros escravos e índios que fugiram das duras jornadas de trabalho, da tortura, do tronco e do chicote, eles refugiaram entre as serras das Contendas no Município de Monte Alegre, e no morro do Moleque Município de Cavalcante, na qual hoje se denomina o Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga. Os negros se organizaram nas zonas rurais dos municípios goianos de Monte Alegre, Teresina e Cavalcante. As regiões Vão de Almas, ficam aproximadamente 80 km distantes da sede de Cavalcante, e tem como significado o nome Vão por se localizar entre serras, e, o nome de Almas, porque tem um rio chamado Almas (segundo afirmação acima), na qual ocorriam muitas mortes frequentes, devido aos acontecimentos de mortes; esse rio passou a ser chamado rio Branco, segundo as pessoas mais velhas, depois que, mudou o nome do rio diminuiu bastante o número de mortes. Mas, nem por isso podemos entrar nele de qualquer jeito, principalmente pessoas desconhecidas.

1.3. PESSOAS PESQUISADAS

As pessoas que serão pesquisadas são moradores que atuam na localidade, que faz parte da mesma história, e me ajudam criar bons frutos para semear em nossa Comunidade. São elas: José Santana Dos Santos Rosa, Jetúlia da Cunha, Senhor João Rosário, Senhora Bertolina da Costa Serafim, Dona Natalina dos Santos Rosa e o Senhor Faustino dos Santos Rosa.

1.4. OBJETIVOS

1.4.1. Geral

Este trabalho tem por objetivo geral registrar a memória da tradição e costumes da cultura religiosa dos idosos referentes às práticas orais da Comunidade Kalunga (Vão de Almas) a fim de preservar a tradição, usos e costumes identitários deste povo.

1.4.2. Específicos

- 1) Registrar memória e conhecimentos culturais para não deixar morrer todas as culturas e costumes tradicionais.
- 2) Identificar experiências de moradores e demonstrar a importância vivida.
- 3) Identificar a importância do registro de relatos dos costumes e memória que possa ser trabalhado nas escolas deste Município.

1.5. PERGUNTA DA PESQUISA

Este trabalho partiu do seguinte questionamento: Será que os saberes tradicionais são os mesmos de antigamente? E Qual importância do registro de memória das pessoas mais idosas?

CAPITULO II

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1. CONCEITO DO LETRAMENTO MULTIMODAL

De acordo com Catto (2013), o Letramento Multimodal como pode ser compreendido como sendo “ um conjunto de praticas que considera a ampliação do foco da linguagem verbal para outros modos semióticos a fim de dar conta dessa multiplicidade” (p. 161). A autora Santos (2006) afirma que qualquer texto escrito é multimodal, pode vir de vários modos, com elementos não-verbais (fotos, desenhos, tabelas, gráficos, quadros, diagramação etc.).

Observando a colocação das duas autoras inferimos que o Letramento Multimodal vai além de se estudar a língua escrita, estuda também a linguagem não – verbal e a relação de sentidos entre os dois tipos de textos. Portanto, ao trabalharmos com este tipo de letramento, precisamos levar os alunos a compreender fotos, desenhos, ilustrações, dos mais diversos suportes textuais. Pois tais elementos complementam o texto verbal, e representa a realidade social.

Nos dias atuais as tecnologias estão cada vez mais presentes no dia-a-dia da população, urbanas e rurais, partindo desta visão é que neste trabalho além de descrevermos as falas das entrevistas, faremos um DVD contendo fotos que retratam nossa Cultura e também vídeo com as entrevistas.

A seguir discorreremos sobre a sociolinguística que segundo Mollica (2004) é um ramo da linguística que estuda a língua e seu uso nas comunidades e as relaciona com os aspectos linguísticos e sociais.

[...] A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. [...] (MOLLICA, 2004, p.10)

Esta colocação de Mollica mostra que é possível transcrever a variação linguística, pois a mesma está relacionada a fatores estruturais e sociais. Deste modo, podemos estudá-la sobre uma nova perspectiva de ensino, contrapondo-a com o ensino tradicionalista da língua portuguesa. Tomamos como base os estudos de Marcos Bagno, que apresentam uma nova visão a respeito dos estudos linguísticos, pois “Por que não opor variedades cultas a “variedade-padrão”? Porque o termo variedade implica, na sociolinguística, um uso concreto, efetivo por parte de falantes reais. [...]” (BAGNO, 2001, p.11). Este mesmo autor defende que a língua está em constante transformação, por isso não podemos ensinar apenas a língua considerada como culta, as demais precisam ser ensinada e respeitada.

Partindo dessa visão de Bagno é possível um trabalho como este, que busca transcrever os registros dos costumes e tradições de um povo, sem o medo de estarmos transgredindo uma lei, pois o jeito de falar do meu povo é um jeito especial e diferente, porém é o que caracteriza nossa identidade e cultura. Pois cada pessoa da comunidade do Vão de Almas reproduz a língua que o identifica como pertencente aquele grupo. “[...] Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade regras básicas de funcionamento dela.” (BAGNO, 2007, p.35). Portanto, não devemos temer em mostrar nossos costumes, devemos passar por cima dos preconceitos linguísticos que só denigrem o diferente. De acordo com Bagno,

Existe um mito ingênuo de que a linguagem humana tem a finalidade de “comunicar”, de “transmitir idéias” – mito que as modernas correntes da lingüística vêm tratando de demolir, provando que a linguagem é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento. Ao lado dele, também existe o mito de que a escrita tem o objetivo de “difundir idéias”. No entanto, uma simples investigação histórica mostra que, em muitos casos, a escrita funcionou, e ainda funciona, com a finalidade oposta: ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso. (ibidem,2007, p.133)

Como foi colocado por Bagno, a língua pode ser usada para excluir, este trabalho pretende o oposto, o de valorizar nosso povo, e fortalecer nossa

identidade. Deixar registros dos costumes e das tradições através de relatos das pessoas mais velhas de minha comunidade.

Marcos Bagno (2007) citado por Braga (2011 p.9) afirma que “ao contrario de um produto pronto e acabado, de monumento histórico feito em pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer permanente e nunca concluído” [grifo do autor]. Bagno (apud Braga 2011 p. 9) também afirma que “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. Quando se trata de gêneros textuais pertencentes à língua enquanto fenômeno social. Braga (2011 p. 10) nos mostra que na visão de Marcushi (2012) “é impossível se comunicar verbalmente a não ser através de um gênero, assim é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto”. Por esta razão escolhemos o gênero relato para a imortalizar os costumes e tradições do Povo Kalunga da região do Vão de Almas.

Portanto, este trabalho pesquisará os costumes e tradições da Comunidade Kalunga do Vão de Almas na Cidade de Cavalcante - GO, através do gênero *relatos* das pessoas mais velhas.

Segundo Marcushi (2002 apud Costa 2004 p. 4) “quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Segundo Bronckart (1999 p. 103 apud Costa 2004 p. 4) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Marcushi (2002 apud Costa 2004) afirma ainda que “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual”. (p. 4).

Segundo Gil (2002 p. 244) quando analisamos historicamente os gêneros podemos afirmar que a análise do discurso dele, é uma variedade de diferentes tipos de estudo ou textos que desenvolvemos a partir das tradições teóricas em diversas histórias ou costumes. Assim estas tradições traz diálogo e narrativas

através do campo da linguística e da comunicação presente em um texto, o discurso é uma ação que o sujeito desenvolve a comunicação com palavras interpretando o mundo real e social. Pois como afirma Marcushi (2002 apud Costa 2004), na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma área interdisciplinar que está globalizada no funcionamento da língua para as atividades culturais e sociais.

A circulação dos gêneros textuais na sociedade é um dos aspectos mais comum, pois eles mostram como a própria sociedade se organiza um trabalho interdisciplinar na organização da estrutura textual. Tudo o que vimos até aqui sugere que os gêneros textuais devam ser considerados como parte constitutiva da sociedade em seus hábitos típicos, tal como lembra Charles Bazerman (1994 p.23 apud Costa 2004), pois os gêneros são em primeiro lugar, fatos sociais e não apenas fatos linguísticos como tal. Sabemos que os gêneros são histórias e culturas, mas não é comum fazer disso uma fonte de investigação. Quanto a isso, pode-se dizer que os gêneros não preexistem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva.

De acordo com SANTOS, MENDONÇA E CAVALCANTE (2006 apud Dubeux et al. 2013) o ensino de língua materna:

É a compreensão e produção de textos. Nessas atividades, convergem de forma indissociável fatores linguísticos, sociais e culturais. Os interlocutores são participantes de um processo de interação. Para isso, precisam ter domínio da mesma língua e compartilhar as situações e formas como os discursos se organizam, considerando seus propósitos de usos e os diversos contextos sociais e culturais em que estão inseridos. (p. 8)

Desse modo os gêneros textuais são definidos por Schneuwly e Dolz (2004 apud Dubeux ET AL 2013 p.9), como sendo “instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais. São historicamente mutáveis e relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares”.

2.2. GÊNERO RELATO, MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE

Em relação ao gênero textual na oralidade Marcushi (2002 apud Costa 2004) mostra que são poucos estudados, para ele “a relevância da investigação dos gêneros orais reside, segundo Gülich (1986, p.18 apud Costa 2004), no fato de serem usados pelos participantes da comunicação linguística como parte integrante de seu conhecimento comum” (p. 19). O estudioso ainda afirma o gênero oral “seria uma noção cotidiana usada pelos falantes que se apoiam em características gerais e situações rotineiras para identificá-lo”. Ele coloca a possibilidade de existir “um saber social comum pelo qual os falantes se orientam em suas decisões acerca do gênero de texto que estão produzindo ou que devem produzir em cada contexto comunicativo”. Para ele, estes tipos de gêneros “não surgem naturalmente, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sócio-interativos”.

De acordo com Heinemann & Viehweger (1991, p.111) citados por Marcushi (p. 19 apud Costa 2012) “os falantes lançam mão de conhecimentos de três grandes sistemas cognitivos para processar seus textos. Estas três esferas do saber são: 1) saber linguístico; 2) saber enciclopédico; 3) saber interacional”.

Não se tem uma noção muito clara de como se organiza cada um desses saberes, mas é certo que eles não agem de forma sucessiva e sim interativamente. Mas eles não são uma espécie de "depósito de conhecimentos" do qual os falantes lançam mão. São processadores que operam como mecanismos que ativam a produção. (MARCUSCHI 2002 p. 20 apud COSTA 2012)

Marcushi (2002 apud Costa 2012) nos mostra que “é muito comum que, com base nesses conhecimentos, os interlocutores especifiquem o gênero de texto que produzem durante sua fala, como observou Gülich (1986, p.21 apud Costa 2004)”. Na cidade muitas vezes, ouvimos as pessoas a dizerem: “ no telefonema de ontem” e na região do Vão de Almas é comum as pessoas falarem “ recebi o recado de fulano onti”. Para Marcushi (2002 apud COSTA 2012 p. 20) “essas designações, além de suporem conhecimentos globais não são precisamente conhecimentos tipológicos no sentido técnico do termo. Muitas vezes, essas formas textuais têm marcas linguísticas mais ou menos

estereotipadas identificáveis desde o início”. Em ambos os exemplos, percebemos a presença do gênero textual oral (relato).

Marcushi (2002 apud COSTA 2012) chama atenção em relação aos gêneros textuais mostrando que eles:

Independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Em suma: os gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação linguageira. (p. 20).

Segundo Forster (2013), em seu blog “Lousa mágica”, mostra que quando narramos um acontecimento, produzimos um relato. Nesta pesquisa, trabalharemos com este gênero. Para o blogueiro a principal função do relato “é tornar conhecida uma ação ou sequência de ações já ocorridas, sendo, portanto, no campo da escrita, um texto primordialmente narrativo. Quando se conta como foi um acidente, de que forma um jogador fez um gol ou como um crime ocorreu, por exemplo, estão sendo produzidos relatos” (web).

O gênero textual relato vem acompanhado das memórias que são construídas ao longo da vida do relator, segundo Santos (2005 p. 01).

Os saberes culturais são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo, suas representações e valores e serão discutidos no campo da pesquisa da história oral, mais especificamente no âmbito das histórias de vida.

Portanto, durante a vida vamos acumulando saberes/memórias. Para Santos (2005 p. 4) de acordo com Michael Pollack a “memória parece ser um fenômeno individual, mas ela é, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno que emerge das transformações sociais e inconstâncias”. Santos (2005 p. 4) chama atenção para a definição de memória e identidade.

O autor ainda mostra que segundo Halbwachs, os indivíduos só se lembram de seus passados à medida que se colocam sob ponto de vista de uma

ou mais correntes do pensamento coletivo. E também que só nos lembramos do passado que fez parte das construções sociais realizadas no presente.

Santos (2005) afirma que para Halbwachs os “indivíduos utilizam imagens do passado enquanto membros dos grupos sociais e usam convenções sociais que não são complemente criados por eles” (p.49). Esta autora também mostra que “os indivíduos não recordam sozinhos, quer dizer, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência” (p. 49).

De acordo com Bartlett (1961), citado por Santos (2005) defende que memória é “parte constituinte de todas as etapas do pensamento humano” (p.61). Para Bartlett (1961 apud Santos 2005) “qualquer percepção é vista como uma atitude de reconhecimento envolvendo julgamento” (p. 61). Desse modo, segundo ela “afirmação de que só percebemos o que é significativo para nós mesmos rompe, portanto, em primeiro lugar, com a noção de um sistema mecânico de apreensão de imagens, em segundo, com a determinação de convenções sociais sobre práticas cognitivas” (p.61).

Observando estes argumentos, recordamos das entrevistas, muitas vezes, a pessoa entrevistada recorre a pessoas da família, para confirmar sua fala. Também concordo com a visão de Bartlett (1961), pois para termos recordação precisamos perceber, ou seja, precisamos vivenciar a situação.

Santos (2005 p. 61) reitera mostrando que Bartlett (1961) defendeu a tese de que “memória faz parte do processo de conhecimento e reconhecimento do mundo e de que este processo se define pela busca de sentido”.

A memória também remete à identidade, pois as memórias tem o poder de reconstruir histórias e histórias reconstruídas significavam identidade fortalecida e respeitada. Segundo Silva (2001) para contribuir e reforçar nossa identidade, é preciso pensar e estar sempre escrevendo o processo de produção sobre o ato de reforçar e contribuir o conhecimento sobre identidade que vem sendo formulada de forma escrita.

As identidades são construídas no dia-a-dia, por meio de práticas e discursos; de acordo com os sujeitos que estão envolvidos. E por meio dele que podemos entender como o mundo pode ser representado, construído e posicionado para os sujeitos entender o mundo melhor e visar os objetos que os cercam. Construimos interação com discurso que interferem no mundo e o modo de como cada um age e pensa de alguém vista como forma; sobre aquilo que os sujeitos enxergam o mundo com diferentes visões, que o discurso é um conjunto de enunciados que caracteriza e pode ser considerado como processo de construção do conhecimento modificado de possível forma para que as identidades sejam construídas e vistas como formação central.

CAPITULO III

3. HISTÓRIA KALUNGA

3.1. CONTOS E TRADIÇÕES DO TERRITÓRIO KALUNGA

A maior cultura desta localidade é a Romaria de Nossa Senhora da Abadia, que vem logo após a festa de Nossa Senhora das Neves, ela apresenta várias culturas e fé nos deuses. Nesta festa da Abadia se encontra também outras imagens; exemplo as Neves que é a padroeira da Comunidade. Esse festejo deu início com festa de Nossa Senhora Das Neves, que é uma Santa muito milagrosa e todos tem devoção por ela, pois os idosos têm em mente que de orar por ela para não deixa acontecer casos ruim, por isso os idosos da localidade falam que o festejo é das Neves e, não da Abadia.

Depois que passou muitos anos desta Santa na Comunidade, veio um homem de Cavalcante para a festa da Abadia com intenção de roubar a imagem da Santa das Neves. No final da festa as pessoas que zelavam das imagens percebeu o desaparecimento das Neves, mas não sabiam quem tinham roubado, todas as pessoas da Comunidade ficaram preocupadas procurando a santa sem encontrar.

Depois de Três dias chegou um recado na vizinhança, que o homem chamado Pedro havia sido picado por uma cobra venenosa e não estava em condições de seguir viagem, pois estava muito mal, sabe o que aconteceu? Foi encontrada na sua bagagem a santa procurada. Foram algumas pessoas do local encontrar o seu José, aí elas devolveu à santa e temos por fé que aconteceu essa picada pelo milagre da santa e porque não queria sair de sua Comunidade.

Dona Teodora Pereira da Cunha (minha mãe) dizia que no tempo que ela começou ir para esta festa, depois que iniciou visita de padre nesse festejo, todos levaram roupa branca e uma toalha branca para assistir à missa, pois naquele tempo só assistia missa com roupa branca. Segurava a toalha na mão, quando o padre estava dizendo a missa, eles davam um nó na toalha. E essa toalha com o

nó era levada para casa, quando chegasse uma pessoa que não tinha ido à festa e perguntasse; O que trouxe da festa para mim? A pessoa que tinha ido à festa entregava a toalha com o nó e dizia: receba a missa do senhor; a pessoa ao receber a toalha respondia; graças a Deus, e desatasse o nó da toalha. Essa pessoa considerava como tinha assistido a missa.

Na comunidade Vão de Almas, as casas são feitas de adobe e de palha de coco piaçava, devido à falta de acesso, baixa renda, e o desaparecimento da palha por ser destruídas pelas pragas, exemplo a lagarta, se isso não acontecesse era melhor devido o calor. A água para ficar fria, colocamos na botija.



Figura 4: tipo de moradia – Vão de Almas. Eurotildes Rosa



Figura 5: Coco Piaçaba utilizada para cobrir as casas. Eurotildes Rosa

Conservação da Água para Beber



Figura 6: Botija feita na Comunidade. Eurotildes Rosa.

As primeiras famílias habitavam em grutas, abaixo esta a primeira moradia da família de minha mãe Teodora Pereira da Cunha, que faleceu em 1992. Aqui, ela iniciou a história de minha família. Neste local, também moravam em torno de 5 ou 6 famílias, nestas moradas naturais .



Figura1: Gruta onde minha família se refugiou. Eurotildes Rosa



Figura 2: gruta onde minha família refugiou. Eurotildes Rosa



Figura 3: gruta que abriga varias famílias: Eurotildes Rosa

Esta região também tem o costume de seguir as fases da lua. As pessoas mais velhas até hoje procuram essas fases para desenvolver alguns tipos de trabalhos na agricultura como simpatia e também acompanhamento na gravidez das mulheres. Segundo dona Brígida, as fases da lua têm grande importância e influência na vida dos nossos povos, e as fases mais utilizadas são: minguante, cheia e nova (minguante melhor fase para dar a luz, pois as dores diminuem, utilizada também para realizar simpatias, fazer remédios para curar certas moléstias como (verrugas, pano-branco, manchas na pele, rindindura, hérnias...(crescente ótima para retirada de óleos naturais que nesta fase poderão render mais, fazer corte de cabelos com menor volume, para aumentar o volume e o

crescimento, sabendo que se cortar no domingo pode enfraquecer a mente), (lua cheia não é boa para extração nem para cortar madeiras de construções, podem ficar cheias de caruncho, cupim, etc. Se retirar óleos azeites podem aparecer borras, ou seja, pó e ficam sujas)

Lua nova durante está fase a maioria dos animais nocivos se tornam alvoraçado (agressivos), momento em que representa grande perigo para a Comunidade, pois a maioria deles está em perigo de cio (gestação), as cobras por exemplo, trocam-se de cascara (pele) e aparecem em grande quantidade em dupla e pronta para atacar, principalmente em abril. É um animal que não pode tentar matar e deixar viva, pois ela acompanha e persegue o agressor até o encontrar para dar o bote picada venenosa, e quando isso acontece os primeiros socorros são: os remédios caseiro exemplo; cortar buriti, (grudar) colocar no local da picada ,e deixar que o buriti solte por ele. Cortar a cobra em três pedaços e colocar no local da picada, o primeiro pedaço o segundo e o terceiro. Beber fé (vesícula ou felo / liquido amargo) de paca, comer quiabo lembrando que todas as comidas cozidas devem ser sem sal até completar três dias; comer gabioba (Camargo do campo), chupar melancia...

Outros costumes muito utilizados na Comunidade, é a rigidez (dieta) com as mulheres menstruadas e quando ganham neném, durante o período da menstruação e após o parto são proibidos alguns costumes e tipos de alimentos, que ainda são obedecidos por grande parte das mulheres, tais como: carne de caça, tatus verdadeiro, peba, canastra e bola; caititu, cutia, paca... é proibido comer , Só podemos comer a anta e o tatu peba. Aves jacu, jaó , iambú , siriema, ema [...] Frutas melancia, mamão, manga, abacaxi, laranja..., peixes barbado, piauí, surubim, matrinxã, tucunaré, sardinha... Os que podem comer caça ex: anta, capivara, tatu peba... Peixes corvina, piranha, trairá, jaú.

É proibido durante o período menstrual, cortar cabelos de alguém, pentear, tomar banho no rio, principalmente lavar a cabeça, pode causar muita dor de cabeça e as perturbações mentais só podiam lavar cabeça e tomar banho com água morna ou, com cozimento de remédio.

Após o parto é 45 dias sem sexo, tomando banho em água morna, ou com remédios caseiros tais como, (negra mina, manjericão, carrapicho, casca de caju, algodãozinho, casca de barba timão, mastruz, vinho de folha de algodão, gervão vinho da folha com a raiz, esses são os principais remédios para inflamação, ou seja, limpeza do útero), lembrando que a negra mina, o manjericão, o carrapicho, o algodãozinho, o barbatimão, o mastruz, vinho de folha de algodão, gervão vinho da folha e da raiz.

Não pode tanto o homem quanto a mulher fazer relações sexuais quando estiver com gripe, se a mulher estiver amamentando e o bebê estiver com gripe também não pode, pois a gripe transforma em chia (asma), e nem se for picado de cobra ou esporado de arraia, pois podem causar fortes dores e inflamação no local da picada.

CAPITULO IV

4. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA SÍNTESE

Neste capítulo, descrevemos sobre o processo histórico pela conquista da educação do Campo em nosso País. Segundo Caldart (2008) o conceito da educação do Campo,

Tem raiz na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere. [...] busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica. Ou na expressão de Bernardo Mançano, de uma disputa de “território imaterial”, que pode em alguns momentos se tornar força material na luta política por territórios muito concretos, como o destino de uma comunidade camponesa, Por exemplo. (p.68):

Caldart (2012, p.257) afirma que “a educação do Campo é fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do Campo e suas organizações, que visam incidir a política de educação desde os interesses sociais das Comunidades camponesas.”

A conquista da Educação do Campo Segundo Caldart (2008) se deu através dos movimentos sociais que lutaram por uma educação que fosse igual para todos. Ela nasceu primeira como Educação Básica do Campo criada em preparação da I Conferência Nacional realizada em Luziânia Goiás em julho de 1998.

Segundo esta mesma autora com a participação de vários sujeitos: pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, cablocos, meeiros, bóia-fria e outros grupos mais. Cada um desses sujeitos tem sua identidade comum, isto é, reconhecer que cada um tem sua forma de organização popular. As diferenças de gêneros, de etnia, de religião são de diferentes jeitos de produzir e de viver: modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e resolver os problemas, de fazer a própria resistência no campo. Assim, se deu a criação desta nova modalidade de graduação, desde 2007 instituições de ensino superior passou a ofertar cursos de licenciatura –

Educação do Campo em regime de alternância. Esta conquista é o resultado da luta dos movimentos sociais e sindicais que conquistaram uma política de formação inicial para educadores do campo, materializada através do Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo- Procampo, vinculando à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão- SECADI, do Ministério da Educação.

De acordo com Freitas (2008), no ano de 1998, foi criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária- PRONERA/INCRA/MDA que defendia a escolarização formal para trabalhadores rurais assentados. Lutavam por uma rede de universidades públicas e escolas técnicas, movimentos sociais e sindicais, Secretarias de Educação, em todos os estados da federação. (p.11).

Segundo Freitas (2008 p. 11), este mesmo programa defendia o desenvolvimento de projetos de pesquisa e cursos de extensão em diferentes áreas do conhecimento. Tais medidas eram necessárias para a promoção do desenvolvimento rural e melhoria das condições de vida dos povos do Campo.

Segundo este mesmo autor no ano de 2002, o Grupo Permanente de Trabalho (GPT) de Educação do Campo no Ministério da Educação dos Povos do campo define como povos do campo os pequenos agricultores, os sem-terra, os povos da floresta, os pescadores, os quilombolas, os ribeirinhos, os extrativistas, os assalariados rurais. Segundo Freitas (2008 p. 14), neste mesmo ano são estabelecidas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo através da (Resolução nº 1/2002 do CNE/CEB) que instituiu o “Processo inovador de construção de política pública na relação do Governo Federal com os governos estaduais e municipais, com a sociedade civil organizada e com os povos organizados do campo” (texto de apresentação MEC/SECAD – (2004 apud FREITAS, 2008 p. 14).

No ano de 2004, segundo Freitas (2008), foi criada a SECAD/MEC Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e também o II Plano Nacional de Reforma Agrária com a participação dos movimentos sociais. Segundo o autor tais medidas visavam a implementação de novas políticas

públicas para viabilizar o desenvolvimento dos assentamentos, dando-se prioridade para ações de educação e formação.

Em 2005, segundo Freitas (2008 p. 14), ocorreu o I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo MEC/MDA, tal encontro pretendia ampliar e aprofundar as reflexões sobre a educação do campo, utilizando como referencia as pesquisas e intervenções nas universidades e outros fóruns.

Em 2007, segundo este autor foi criado o PROCAMPO – SECAD/MEC Licenciatura em Educação do Campo, que passou a ofertar cursos regulares em varias áreas. De acordo Molina (2011 p.13) o curso pretende formar e habilitar profissionais que ainda não possuem formação exigida pela Legislação Educacional, a intenção é preparar educadores para atuação profissional nas escolas do Campo que vai além da docência, que tenha condições de trabalhar também na gestão dos processos educativos que acontecem nas escolas no e do campo. É um curso que funciona em alternância, que os trabalhos são desenvolvidos nos tempos escola e Comunidade, com duração de quatro anos, sendo duas etapas por ano.

A educação do Campo nasce também a partir das lutas dos movimentos sociais, ela compreende os processos culturais, as categorias de socialização e as relações de trabalho vividos pelo sujeito do campo, em suas lutas cotidianas para manter uma identidade, do processo formativo. Ao organizar o currículo por alternância entre Tempo Escola -TE e Tempo Comunidade - TC, a proposta curricular do curso é objetiva e integra atuação dos sujeitos. Nesse sentido, segundo Caldart (2008) a educação do campo vem sendo uma ação positiva, formulado para o crescimento tanto intelectual quanto para a vida, são esses direitos que ao longo espera pelo povo.

De acordo com Ferreira & Brandão (2011 p. 12), a Educação do Campo, contribui com a construção da memória coletiva e também para o resgate da identidade dos indivíduos.

A Educação do Campo, diferente do modelo neoliberal de educação, contribui com a construção de uma memória coletiva,

do resgate da identidade do homem do campo por meio da educação junto às crianças, jovens e adultos, criando o sentimento de pertença ao grupo social ao qual a educação do/no campo está inserida, seja nas escolas dos assentamentos, acampamentos ou nas escolas em distritos, glebas, patrimônios, seringais ou comunidades quilombolas. (idem).

Diante dessa síntese sobre a educação do campo, a Licenciatura em Educação do Campo nos possibilitou a formação inicial na pesquisa. Isso é comprovado neste trabalho. A seguir, fazemos análise do que se propõe aqui.

CAPITULO V

5. REVELANDO AS MEMÓRIAS KALUNGA VÃO DE ALMAS

A seguir, apresentamos os relatos do Senhor José Santana dos Santos Rosa 67 anos, Senhora Jetúlia da Cunha 57 anos, Senhora Bertulina da Costa Serafim de 66 anos, Senhor João Rosário de 84 anos, Dona Natalina dos Santos Rosa 67 anos e o Senhor Faustino dos Santos Rosa. A primeira pessoa a ser pesquisada, foi meu irmão que já foi professor na Comunidade, ele tem idade de 67 anos e reside na localidade, e ainda preserva boas culturas e costumes adquiridos com nossos pais.

5.1 MEMÓRIAS DO SENHOR JOSÉ SANTANA

Seu José Santana é lavrador, alfabetizado, tem grande interesse em contribuir com seu conhecimento para os mais jovens da Comunidade, pois acredita que podem adquirir bons conhecimentos sobre as cultura que ainda preservamos.

Sou José Santana dos Santos Rosa conhecido por Neco, nascido aqui e até hoje mora aqui no Kalunga, professor e lavrador faço parte das manifestações culturais da festa, sou participante do movimento que significa a saudação do Rê para saudar à Rainha. Nessas tradições, os mais novos vão aprendendo com os mais velhos, observando as tradições... Antes tinha muito perigo de fogo e hoje já melhorou devido à bomba que vem para à festa , para organização do fogo. Me preocupo com a organização do lixo produzido durante a Romaria de Nossa Senhora Abadia.

A memória do seu José demonstra que ele possui uma história construída ao longo do tempo, portanto é portador de um letramento ideológico. Adquirido pelas experiências de vida, pessoas que conviveu e convive e os lugares na qual conhece. Assim, como é defendido por Guimarães (2008.p.37) que afirma que as “histórias são simplesmente “criadas”, elas são construídas. E dentro de uma história, sempre a outra história, pois a outras pessoas, outras coisas e outros

lugares, cada um com sua própria história”. Desse modo, conforme este mesmo autor “somos feitos de histórias: as que vivemos, as que ouvimos, as que presenciamos e aquelas ainda que criamos”.(p.37)

5.2 MEMÓRIA DA SENHORA JETÚLIA DA CUNHA

Dona Jetúlia é analfabeta, ou seja, não possui o domínio da decodificação das palavras, mas possui uma rica leitura de mundo, mas possui uma oralidade que faz parte de sua cultura e tradição. Demonstra seu conhecimento através desta oralidade, afirma que nasceu e vive na Comunidade do Vão de Almas.

Meu nome é Jetúlia da Cunha, idade de 57 anos, nasci aqui no Vão de Almas e sou lavradora... desde que nasci. Nunca morei em outro lugar . A experiência de vida é quase a mesma, mas está bem melhor do que no começo de vida . Conheço a romaria desde que tava com a idade de meu... desde cinquenta e sete que eu comecei a conhecer. E sempre festejo. Gosto do levantamento do mastro, do império e mais alguma brincadeira. Tem sussa , forro. kkkkkkkk. Aprendi a rezar a ladainha junto com meu pai . Meu pai faleceu agora eu estou me apresentando lá. Primeiro o ensaio das oito horas, ai no outro dia tem a elevação do mastro ,gosto de assistir a romaria e ficar junto com os amigos . A romaria mudou sempre, porque a romaria daquele tempo, as coisas eram bem mais devagar. Agora as coisas está mais pra melhor. Uá até o movimento do povo, porque gente de fora vinham bem pouco, agora já está vindo muita gente, já tem carro que não tinha , agora já tá vindo, pega os povo na casa e leva . Os jovens. Ah, isso ai coisa de forro sim, mas de rezar é bem pouco que preocupa... kkkkkkkkkk, falou tem forro aculá daqui a pouco você está indo ,mas tem poucos que vai na igreja.

Observando a descrição da Dona Jetulia, que é analfabeta, mora na mesma localidade em que nasceu, lavradora, católica possui letramento mundo o mesmo aprendido com o pai, hoje trabalha na organização da romaria, principalmente nas devoções festivas (rezas). Assim ela mantém uma Comunidade discursiva que passou a ser caracterizada com um grupo de trabalho, mantendo o repertório de gêneros, traços e força. Segundo Swales

(1992.p.127), desse modo a Comunidade pode abraçar novidades, pois o grupo desenvolve gêneros interdisciplinares ao longo de sua existência, e pode evoluir através de suas modificações.

5.3 MEMÓRIA DA SENHORA BERTULINA DA COSTA SERAFIM

Dona Bertulina também é viúva, não sabe ler nem escrever, mas sua oralidade demonstra que consegue guardar sabedoria, conhecimentos que ainda guardam do passado.

Sou Bertulina da Costa Serafim, nascida do outro lado do Paranã e vive no Vão de Almas. Casada no Pade, Tive dez fios, Neto eu tenho 17. Trabalho na roça mais os meus fios. Não estudei, proqué... não tinha escola pra quem não tinha condição... eu nem pai tinha... meu pai morreu antes de eu nascer, minha mãe juntou mais outro, ele num ligo, botou foi pra trabanhá, mas num pra estudá. A escola nesse tempo tinha, mas era pra quem podia ficar em Carvarcante, cá no sertão num tinha não. Nois plantava arroz, mio... mais não era pra vender não era pra nois comé.... alimentação naquele tempo, quando ... o mais alimentado, era feijão, abroba, carne era mais difícil, mas ranjava. Pra vesti quando a mãe ranjava pano vestia pano, quando não vestia veio, não tinha muito tratamento não. Não cheguei vesti roupa de algodão, cheguei imbronha com coberta de algodão, mais vesti, não vesti não. Remédio de farmaça, nois quas não bebia não, era mesmo os do mato, na hora que sentia alguma coisa, era do mato mesmo. A Quina...servia pra muitas coisas, pra gripe, consertar o sangue. Minha religião é a catoica, gosto de ser catoica... eu pego com vários Santos... Siora Aparecida, siora das Neves, Siora do Livramento, pego São Gonçalo, São Bastião, tudo nois tem fé nele.

Dona Bertulina nasceu no Município de Monte–Alegre, foi criada no Município de Cavalcante, é lavradora, tinha interesse de estudar, mas não teve como, devido à distância da escola e a baixa renda. Ela tem seu letramento científico de fazer um trabalho interdisciplinar usando os gêneros multimodais, que são as cores (açafraão, aroeira) extraídas da própria natureza, usando

também sua experiência de saberes e fazeres nos artesões produzido de algodão, para proteger do frio e cobrir suas necessidades do agasalho. Quando alguém de sua família adoece ela tem o hábito de usar primeiro suas ervas medicinais, partindo daí se não resolver segue ao pronto socorro.

5.4 MEMÓRIA DO SENHOR JOÃO ROSÁRIO

Senhor Rosário já foi viúvo duas vezes, a primeira mulher teve 4 filhos, a segunda 3 filhos, é lavrador, foi criado com alimentos naturais, não estudou porque naquele tempo a escola era muito difícil.

Sou João Rosario, mas assino por Rosario, prefiro um nome só. Vi da família de Antonia, minha mãe mais meu pai veio desse lado de areia, depois mudaram para terra vermelha (Terra Vermelha). Primeiro morava no Moleque, depois veio para o Vão de Almas, pro lugar chamado Nastaço no Município de Monte Alegre. Nesse tempo eu não era casado. Tenho 4 filhos e 14 netos, trabalhava de lavrado, plantava arroz, mandioca, milho, quase toda roça que eu tinha, eu tinha uma moita de cana, para o consumo. Não tenho estudo nenhum, nenhum, nenhum... meu pai até lia um pouquinho, mais muito pouco, dividia o pouco. Não sei como ele aprendeu. Alimentação naquela época era devagar, era arroz mesmo, mais feijão e carne, nesse tempo o pai tinha uma maloca de vaca, tinha carne e eu não descuidava, era quase todo fim de mês eu matava uma vaca. O vestuário era devagar também, era de algodão, camisa de algodão, chapéu de couro de peba. Existia a carochá (capa de chuva) era um tipo de casa feita de oio de buriti, tirava o oio molhava e fazia as tranças, depois ia marrando, marrando, marrando, quando tava pronta amarrava no cangote (ombros) e nas costas, eu vi ela, mais não aprendei fazer não. O uso de remédio era caseiro, era de lá do mato, não tinha nada de farmácia não. A romaria de Nossa Senhora Abadia é feita demais, quando chegamos aqui já existia, já tinha mudando de um lugar pro outro. Primeiro era pra lá de Domingo de Antono, pro rumo do rancho de Necretó, bem nessa direção aí. Essa Santa foi achada, todo mundo que levava para casa, de manhã, não maícia lá... Senhora das Neves. A Santa primeiro era Nossa Senhora das Neves. Onde achou a Santa lá fez a igreja e o festejo. Aí diz que teve uma mulher professora que morreu e enterraram dentro da igreja, mais tarde

a igreja mudou de lugar, mais continua próximo ao local onde a Santa foi encontrada. Nesta época o império tinha mais bebida do que agora, tinha comida e doces.

Senhor Rosário morou com sua família em várias Comunidades de acordo com a afirmação acima, ele é lavrador, não estudou porque a escola naquele tempo era difícil até ver falar, pois o seu pai aprendeu ler um pouquinho devido uma dificuldade que passou por ele, porque não sabia ler e nem escrever, ai pagou alguém para ensiná-lo. A alimentação naquele tempo também era muito difícil, até que tinha alimentos naturais para alimentar, mas faltava o sal, que era vindo de longe (Formosa ou Barreira), e a viagem era longa demorava um a dois meses para chegar, e só ia uma vez por ano, ele afirma que sua mãe quando ficou velha não comia feijão, porque comeu muito feijão sem sal e tomou abuso, e naquele tempo uma xícara de sal era um dia de serviço. O vestuário também era muito difícil era tudo de algodão para cobrir o corpo e agasalhar, chapéu e capa eram feito de palha de buriti, sandálias eram feita de couro de boi. Os usos dos remédios eram tudo caseiro, quando adoecia uma pessoa já sabia o remédio certo para dar, e curava as doenças, hoje as plantas medicinais parecem que não estão valendo mais como antigamente. Portanto o letramento do Seu Rosario é científico assim como o da Dona Bertulina.

5.5 MEMÓRIA DA SENHORA NATALINA DOS SANTOS ROSA

Sou Natalina dos Santos Rosa, eu vi do Vão do Moleque com 10 anos, pro Vão de Almas . Minha família uma parte era do Vão do Moleque e outra do Vão de Almas. Sou solteira, tenho 8 filhos, 24 netos e 4 bisneto, lavradora. Criei meus fios trabalhando na roça sozinha, os pais não ajudava, crie meus fios tudinho trabalhando na roça. Não estudei, aprendi assinar o nome em casa com um amigo me ensinou. Neste tempo tinha escolas, uma parte não estudei ... meu pai queria que eu saísse para estudar, mas minha mãe não queria, sempre a voz da mãe falava mais alto, ai não estudei. Tinha escola na região. Plantava arroz, feijão, mio, plantava de tudo de roça, criava porco, galinha, sustentava cum o que eu plantava da roça, para sustentar meus fios. A alimentação era mais sadia, pois comia o que plantava na roça, peixe e caça. O vestuário mudou muito, na época

agente vestia roupa de outra maneira. A gente não comprava roupa feita, comprava o pano e fazia. Também costurava pros outros pra ganhar um dinheirinho e era assim. Naquela época era remédio do mato, não tinha remédio de farmaça. Eu não consigo enxergar parar de tomar remédios caseiros, tem muita doença que eu acho melhor tomar remédio caseiro. As festas apresenta grande diferença, depois que eu cresci, cada dia e cada tempo vai mudando as festas, umas coisas já deixou a tradição que tinha, as danças mudou, que na época não tinha tanto de som que tem hoje. A gente fazia os bales, era de safona, viola, pandeiro, essas coisas num era igale hoje. E a comida também eu sinto que mudou muito, que na época agente fazia a comida da feta diferente. Antes rezava a novena ... a de São João rezava do dia 14 até dia 24 de junho o dia da festa, Nossa Senhora da Abadia também rezava a novena todinha (10 dias). Nossa senhora da Conceição... eu ajudei muito a rezar estas festas ai. Desde os 10 anos de idade. Hoje tá tudo mudado. As vezes.. os donos das vendas fazia bales no decorrer do dia, hoje acabou isso ai, juntava o grupo de moças e rapazes, carregava água para moía o salão e dançava, salão podia ser embaixo de uma arvore, agente limpava e dançava. A romaria de Nossa Senhora Abadia... sempre foi ali, a igreja é que já mudou de lugar, mas continua sempre na mesma localidade. Meus pais diziam que este lugar foi escolhido por índios e pessoas fugidas da escravidão... eles festejava ali. Fazia comidas, doces fazia o reinado, mas não tinha a coroa como hoje, mas tarde é que nasceu o império, ele foi começado por volta de 1955, eu lembro quando começou. As pessoas que organizaram o primeiro império foi de Carvarcante. O senhor Davisão estava junto. Jeremias foi o primeiro imperador. As mulheres que arrumaram a festa foram da cidade, juntaram meninas da comunidade para cortar papel e enfeitar. A noite tinha império. A história do roubo da Santa Nossa Senhora das Neves... o Senhor Pedro veio de Goiás Velho trazendo esta Santa e deixou ela aqui, disse que tinha que festejar essa Santa dia 05. Ela ia ser a Padroeira do Vão de Almas. Esse Pedro ficou 8 anos no Vão de Almas, depois a festa continuou. Muita gente fala que a Padroeira é Santa Abadia, mais não é... é Nossa Senhora das Neves. Nossa Senhora da Abadia é por causa do Império, mas ela não é a Padroeira. Depois de muito tempo o Senhor Pedro voltou para roubar a santa, a primeira vez a cobra mordeu ele, foi muitas tentativas de levar a Santa... isso quer dizer que a

ela não quer sair de lá. Aquele terreno é abençoado, nunca falta madeira para os festeros fazer seus barracos. Eu guardo na memória tudo que meu pais contava, tem historias que nunca contei pra ninguém. Meu pai contava a historia de mãe Geralda, ela alimentava de folhas, o jeito de comer era diferente de nois. Ela adivinhava tudo da comunidade, também curava as pessoas. Hoje eu vejo que é muito bom que as pessoas novas escutam tudo que os mais velhos contam, hoje eu fico procurando assim porque que eu num procurei mais coisas pra alguém. Hoje as pessoas me procuram para contar historias do meu povo, se eu tivesse perguntado mais pessoas, mais historias eu sabia. Quando eu escutava as historias de minha vó Joana eu falava que a historia de Dindinha não acabava mais. Hoje vejo que meus filhos não querem saber de historia nenhuma, e vão arrepende depois, pois vai chegar pessoas querendo saber deles, o mesmo que as gentes quer saber de mim. Acho que Mãe Geralda vivia diferentes das pessoas, veio de outra raça, junto com os fugitivos, era curadeira.

Dona Natalina é solteira, lavradora, alfabetizada, sabe ler e escrever um pouquinho, e ainda gosta de fazer usos dos remédios caseiros, seguindo exemplo dos idosos, tem por oralidade seu letramento científico de observar as fases da lua usando seu ponto de vista linear. Não gosta de olhar calendário, tem hábito de observar diretamente aos astros.

5.6 MEMÓRIA DO SENHOR FAUSTINO DOS SANTOS ROSA

Senhor Faustino já foi professor, é hoje coordenador das escolas municipais da Região do Vão de Almas, visita as escolas a cavalo e envia relatórios a secretaria Municipal de Educação, além disto é lavrador , tem seu hábito científico de observar as fases da lua usando seu ponto de vista e não acredita muito em calendário.

Sou Faustino dos Santos Rosa, moro na Comunidade Kalunga do Vão de Alma em relação a alimentação hoje acredito queela.. começo mas, ficar mas difiço que hoje as pessoal num tá cumeno cumida natural , já tá cumeno só cumida de armanzem já num tá cumeno cumida de antigamente como fui criado. Num tá cumeno cumida natural como fui criado. Meus filios já não tá cumeno

cumo ieu cumia. O vistuário hoje já mudificou muito, hoje a ropa tá muito faça.. nargum tempo o povo vistia de ropa tícida de agudão é na zona rural mermo nós da roça tecia o argudão , fazia a linha de algodão fazia tecido para poder fazer o vestuário e hoje tá comprano só confecções melhorou muito cá ropa hoje tá muito faça . Os remédios também tá faço maze... Que tá só ni farmáça, praque os novatos não tão caprichano mas as plantas medicinais rezas curava agente mais que os remeido de hoje, que os reméido di hoje só uma dose só cá pessoa bebia era antigamente, faz muitas caxas de reméido hoje remeido fica mais fraco , os do mato curava curava mais que os remeido de hoje ,remeido de hoje fica mas fraco quês põe muita mistura. Ez fica mas fraco praque pra provar as duença es baldia muito remédio,naquele tempo tempo cada duença já tinha os reméido próprio e tinha raizero próprio pros caso de doença. As festa hoje tá boa mas não é igual de antigamente que antigamente tinha forrozim só de nos lá da comunidade , hoje tá usnno muito som sonoro fazeno muito barunho e juntano muito lixo na festa num tá igual antigamente quando as festa era só com um povo da Comunidade era bem melhore, era mas faço da gente fazer as festas , num tinha dificuldade de baruio uns com os outros,que trapanha a festa. A festa de nossa sinora da Abadia ieu num sei quando foi começada direito eu via falar que...Pariceu uma santa lá nessa localidade ai... ES fiseram uma igreja de palha e deu pra festejar, só que a igreja era piquinininha , pariceu a santa lá nesse local, siora das Neves , num sei por quem foi deixado por certo foi deixado por algum iscravo que deve ter perdido. As reza tão muito diferente, muitas reza que usava nas Comunidade hoje não usa mais. A juventude não tá gostando das tradições toda de reza alendo das rezinha piquena dos começo do terço, existia reza com alvorada cu povo levantava o masto com uma folia que saia de barraca im barraca , cantano e lovano os romeiro, hoje não tão existino mas, tem a brincadera da sussa que os mas novo não tão querendo mais.. uns tem vergoha, outros acham que o tempo é pouco para apresentar de toda apresentação. Num lembro quando foi começado essa romaria que de 55 pra cá eu inda tem uma lembancinha , que foi nessa festa queu ainda curri de foguete que tinha um pessoal que me pego e saiu caçando os dono e meus pais foi me pega. Esse pessoal que isqueceu a santa lá ieu num sei contar de onde ez vei , deve ser africano fugino de iscravo pru que naquele tempo fugia muito de iscravo ,acho queles iscondendo e isqueceu essa santa por lá ..

que depois foi esquecida lá. Essa história deveria ter procurado pessoas mais velha que dava mais informação. Muitos coisa o Vei Justino falava que prouitece ele enquanto vivo. Um igual pai sabia de muita coisa mais a gente num procurava ele também num falava e num procurava para fazer a definição direito naquele tempo as pessoas não tinha de deixar escrito alguma coisa. Muita, pode ver que nem foto agente não vê.

Observando as memórias do senhor Faustino, observamos que é casado, professor com formação em magistério, luta com todas suas forças para manter o bom funcionamento das escolas da região onde vive, é um guerreiro, visita escola por escola a cavalo. Seus filhos todos moram na cidade e muitos já se graduaram. Ele possui letramento científico por observar a natureza para medir ações como plantar e medicação caseira.

5.7. ANÁLISE DE DADOS

Todos os relatos apresentam características ímpar deste povo, reflete a identidade coletiva da localidade, o jeito de falar, o valor que ambas dão as festas locais, a agricultura familiar e por outro lado consciência de todos em perceber o distanciamento dos jovens em relação a história desse povo.

O senhor José Santana dos Santos Rosa é um dos sujeitos que participa ativamente da organização do festejo de Nossa Senhora Abadia. Contribui, portanto, com a cultura de sua localidade. A senhora Jetúlia da Cunha destaca os novos interesses dos jovens atuais, que preferem participar de forros a participar das rezas. Bertulina da Costa Serafim fala dos costumes e das dificuldades enfrentadas com a falta do pai antes de seu nascimento, também das plantas medicinais, do vestuário e também de suas crenças voltada a religião católica.

O Senhor João Rosario, mostra personalidade forte, primeiro optou por um nome só, era lavrador e pecuarista, também demonstra conhecimento de suas raízes, relatou a história de sua família e também da história da festa de Nossa

Senhora Abadia, trazendo fato novo, conta que a festa é velha é que primeiro festejava Nossa Senhora das Neves depois passou a festejar também nossa Senhora Abadia. Fala ainda que antes existia mais bebida e comidas diferentes e doces, diferente de hoje.

Dona Natalina dos Santos Rosa também mostra a leitura que ela tem da comunidade e também da vida, ela deixou claro que a festa é antiga e que segundo seu pai veio ainda da época dos índios e dos fugitivos da escravidão, e que no início tinha o reinado o império só chegou lá por volta de 1955. Portanto, a primeira Santa a ser festejada era a Nossa Senhora das Neves só depois com o Prefeito Davisão passou a cultuar a Santa Nossa Senhora Abadia. Dona Natalina ainda esclarece que a Padroeira do Vão de Almas é Nossa Senhora das Neves e não Nossa Senhora Abadia, a segunda é devido ao império, ou seja, a este novo formato de festa com todos estes enfeites que tem hoje e com a presença do Padre.

O senhor Faustino um sábio, luta pela escolarização de seu povo, permanece com a cultura viva dentro de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa nos mostrou que muitos dos conhecimentos tradicionais de antigamente permanecem vivos nos dias atuais, porém estão com pessoas mais idosas. Os relatos ouvidos mostram que tais conhecimentos correm o risco de serem extintos, pois os jovens não estão dando valor a tais conhecimentos. Por outro lado, o registro da memória (oralidade) das pessoas mais idosas pode evitar essa extinção.

Este trabalho registrou memórias de 6 (seis) pessoas com idade entre 57 (cinquenta e sete) e 84 (oitenta e quatro) anos de idade, que relatam tradições e costumes da região do Vão de Almas. Desse modo, hoje tais memórias estão escritas e podem ser consultadas a qualquer momento, pois como colocado no corpo deste trabalho, a oralidade é passada de pais para filhos, porém depende do querer do ouvinte. Conforme Dona Natalina disse, devida à falta de interesse deixou de tomar conhecimento de muitas histórias de seu povo. Mas quando esta história fica registrada através da escrita ela permanece viva e mais próxima da realidade. Na oralidade também ocorre isto, porém a tecnologia dos dias atuais afasta os jovens de suas raízes, quando tiverem a necessidade de conhecer, talvez não tenha que lhe conte mais. Então pode buscar nos registros como este trabalho, por exemplo, a história de seu povo.

Portanto, este trabalho atingiu seus objetivos, registrou memórias e conhecimentos culturais do povo da Comunidade do Vão de Almas no Município de Cavalcante GO. Ainda dialogou com vários autores mostrando a importância deste registro para preservação da cultura e dos costumes locais. Deixa ainda a disposição de outros estudiosos a iniciação de relatos, que podem ser desenvolvidos nesta Comunidade, bem como em produção de material didático que possam ser utilizados nas Escolas Municipais Kalungas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Priscilla. Acadêmica do Curso de Pedagogia/UnB. Disponível do Polo UAB – Cavalcante GO.

BAGNO, Marcos. A língua de Eulália. Novela sociolinguística. São Paulo, Contexto, 1997

_____. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Norma lingüística. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

_____. Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz. – Edições Loyola, São Paulo, 48^o e 49^o edição, 2007.

BRAGA, Hugo Cançado. Gênero Textual e hibridização: Um olhar sócio-semiótico. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1780/1/2011_HugoCan%C3%A7adoBraga.pdf>

CATTO, Nathalia Rodrigues . A relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos na literatura contemporânea: alinhamentos e distanciamentos. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n2p157/25548>> Acesso em 18 de setembro de 2014.

CALDART, Roseli Salete Isabel Brasil Pereira ,Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto . _ Rio De Janeiro , São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio ,Expressão Popular, 2012.

COSTA, Giselda S. GÊNEROS TEXTUAIS E PRODUÇÃO LINGÜÍSTICA. Luiz Antônio Marcuschi. Disponível em <http://www.nre.seed.pr.gov.br/assischateaubriand/arquivos/File/LEM-INGLES/artigo_generos_textuais.pdf> acesso em 20 de setembro de 2014.

DUBEUX, Maria Helena Santos ET AL. O trabalho com gêneros textuais em turmas multisseriadas. 2013. Disponível em <<http://www.criciuma.sc.gov.br/site/upload/ckfinder/files/Campo%20Unidade%2005%20-%20Miolo.pdf>> Acesso em 05 de novembro de 2014.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography “ethnographic”? In: Anthropology and Education Quarterly, vol. 15, 1984. p. 51-66. Tradução: CARMEN, Lúcia Guimarães de Mattos (Trad) Etnografia na Educação Texto de Frederico Eriekson. (no prelo).

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM OLHAR HISTÓRICO, UMA REALIDADE CONCRETA. Revista Eletrônica de Educação. Ano V. No 09, jul./dez. 2011. Disponível em< http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/1/413_546_publicpg.pdf> Acesso em 08 de novembro de 2014.

FREITAS, Helana. Educação do Campo. 2008. Disponível em< <http://pt.slideshare.net/wanessad/historico-educao-do-campo-presentation>> Acesso em 10 de novembro de 2014.

FORSTER, Leonardo Cassando. Gênero textual: Relato (2013). Disponível em<<http://lousamagica.blogspot.com.br/2013/07/genero-textual-relato.html>> Acesso em 25 de setembro de 2014.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999

MARCUSHI, Luiz Carlos Antonio. Generos Textuais. Configurações, dinamicidade e circulação. Departamento de letras- UFPE. CNPQ nº306576/2003-1. Parábola. 2011. P. 25.

MOLINA, Mônica e Laiz Mourão Sá, (Organizadoras) . _ Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011 . _ (Coleção Caminhos da Educação do Campo;)

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. – Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em<http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/leitura_interpretacao_e_producao_de_textos/Le_PT_A15_J_1_.pdf> Acesso em 21 de outubro de 2014.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. Saberes Culturais, Memória E Identidade Social Em Tempos De Modernidade. Por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa. 2005. Disponível em< http://www.roselisousa.com.br/private/sabores_culturais_memorias.pdf> Acesso em 10 de setembro de 2014.

Santos, Jardelia Moreira. Letramento Multimodal e o texto em sala de aula. 2006. Disponível em< http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1723> Em 20 de outubro de 2014.